

Ismael Ivo: Tição em bræs rasga a escuridão

Spirito Santo

| julho 21, 2010 at 1:11 am | Categorias: Artigo/Cronica | URL: <http://wp.me/p3BrN-1oH>

A dança do invisível

A primeira vez que vi o Ismael Ivo foi em São Paulo. Fui tocar com o 'Grupo Vissungo' num desses eventos artísticos em honra ao 20 de Novembro (que, acho eu, nem se chamava ainda Dia da Consciência Negra) ali pelo início da década de 1980, ao tempo em que o Gianfrancesco Guarnieri (este mesmo, autor da sensacional peça teatral 'Eles não usam black tie') era - que luxo!- Secretário de Cultura da cidade, com Teresa Santos, também na secretaria, organizando tudo, arregimentando artistas negros do Brasil inteiro, para o que foi um dos primeiros eventos memoráveis sobre esta data.

Me lembro vagamente daquela figura negra e esguia- como convém a um bailarino - com uma malha modesta (que a minha memória guardou como sendo até algo surrada) fazendo um impactante solo no palco, surpreendendo-nos com a qualidade de sua dança, clássica ou contemporânea como saber? Erudita enfim, inusitada para todos nós que nos perguntávamos meio abestalhados:

_'Como pode? Um bailarino negão!'

Numa rápida conversa de bastidores me lembro vagamente dele, Ismael, ter comentado conosco algo acerca de sua vontade de sair do Brasil, tentar a sorte de sua arte na Europa.

Achei aquele seu anseio mais do que pertinente, conveniente mesmo (eu mesmo, músico na época, embora longe de ter o talento fulgurante dele, ruminava planos semelhantes): Como conceber um bom futuro profissional para um bailarino daquela estirpe no Brasil sendo ele ...negro retinto como carvão?

A segunda vez que o encontrei já foi, imagino quase dez anos depois. O destino nos cruzou, de novo fugazmente, em Viena, Áustria em 1991, por aí. Ele residindo em Berlim (ou Stuttgart, não sei bem) na Alemanha, estava na Áustria para mais um International Dance Weeks de Viena, festival de dança contemporânea do qual ele - diga-se de passagem - era simplesmente o diretor artístico e principal coreógrafo (foi também, logo em seguida, diretor artístico do German National Theatre de Weimar.)

Enquanto tomávamos à tardinha um vinho casual no jardim da minha cunhada Roseana (que, coincidentemente já era sua amiga desde os tempos de São Paulo) acho que lembramos - ele muito muito vagamente - daquele precário palco em São Paulo e daquela decisão tão certa que ele tomou de deixar o Brasil, o que ocorreu logo depois por meio de um irrecusável convite para integrar a companhia do grande bailarino norte americano Alvin Ailey.

Hoje, depois de um tempão sem ouvir falar dele por aqui dei de cara na internet, quase que por acaso, com uma notícia sobre Ismael e seu fantástico trabalho na Itália. Não tive jeito: Tive que me dar conta de novo, de que o Brasil continua a ser aquele mesmo país de 'elite' ignorante e inculta daqueles já longínquos 30 anos atrás.

_'Como? Até hoje ainda não pode haver no Brasil um grande bailarino negro?'

Ismael Ivo, negro ou não negro, em Stuttgart, Alemanha - onde segundo, ele mesmo admite emocionado foi recebido como um filho da terra - ninguém se importou jamais em subestimá-lo, cortando as suas largas asas por causa de sua cor. Solto e livre para voar, alçou voo aos céus e plana pelo mundo como uma nuvem em movimento, uma água plácida.

Ele faz parte hoje da nata, do supra sumo da dança contemporânea do mundo, com coreógrafo e diretor da Bienal de Dança de Veneza.

Aqui, pelo visto, mesmo sendo negão - ou por isto mesmo - Ismael é pouco mais do que um estrangeiro de segunda classe. Ele pode morrer do coração, barrado por um guarda armado no limiar de uma porta automática de banco; confundido com um guardador de carros pode ser chingado de 'macaco' - ou de 'crioulo safado' - no estacionamento, por alguma madame nervosa; pode até mesmo ser abatido a tiros numa esquina, por engano, confundido com um traficante de meia idade. Quem se importa por aqui que ele seja o que é? Aliás...Quem ele pensa que é?

_Quem?...Ismael o que?

Não é de se estranhar. É assim que as coisas funcionam por aqui. Com toda certeza, exceto, é claro por aqueles ligados em cultura negra (como Ari Cândido, cineasta que fez um já antológico filme autobiográfico sobre Ismael) este artista-orgulho do Brasil, não é conhecido pela maior parte dos brasileiros que lerão estas minhas anotações.

Senão vejamos: Vocês já haviam ouvido falar em Ismael Ivo? Não? Tudo bem. Isto é mais do que normal. Veja nos links assinalados os filmes mais significativos que separei sobre o trabalho dele para vocês. Um é sobre os bastidores da montagem de sua coreografia para a obra 'A Sagração da Primavera' ('Il Rituale de Primavera') baseado na peça de Igor Stravinski, outro uma entrevista sobre a montagem de outra obra sua ("Oxygen" para o 7. Festival Internazionale de Dança Contemporanea) e, de quebra, logo abaixo a entrevista que ele deu para a revista 'Raça'.

Observe, principalmente o que tem de profundo e universal no pensamento dele sobre dança contemporânea, arte e sociedade e se pergunte, constangido como eu: Porque será que Ismael Ivo ainda é tão indizível, invisível em seu próprio país.

Fiquei pensando numa Carla Camurati destas da vida, desfilando como uma cortesã do império dos Pedros - uma marquesa de Santos afetada de brocados - no hall de 'seu'

solar, arrotando os pendores de uma águia folheada a ouro, percorrendo sobre a jóia que ficou o 'seu' Teatro Municipal, restaurado às custas de não sei quantos milhões... nossos.

Vi também, de relance na TV, hoje mesmo, a indefectível e quase eterna dama do pas de deux Ana Botafogo, não menos afetadamente (como um Cisne de asas aposentadas) exaltando a 'sua' já tão ultrapassada dança de sempre. Pompas e circunstâncias de bol or evidente e fora de moda, destas nossas tão pobres, mesmas e melancólicas celebridades lus-tropicais.

Daí achei chato viver num país no qual maior esperteza possível - o sentido mítico, símbolo de nossa estratificação social- é o mérito de Ter ou Pertencer e nunca o de Ser ou de Fazer algo. Uma prática colonial que bem pode muito bem ser traduzida por aquele pensamento leniente, acomodado e corporativista de gente de mente pequena, que com o próprio guarda roupas cheio de chambres de seda diz para a plebe, com desdém e cinismo:

'Em terra de saci uma calça dá pra dois'.

Ao que um Gil reggae-tropicalista diria:

_Gente estúpida...

(A entrevista para a revista 'Raça')

Raiz negra da dança contemporânea, ele evoca corpo em movimento, contorcionismo e beleza.

É quase impossível falar em dança contemporânea na Europa sem mencionar o nome Ismael Ivo. Coreógrafo e bailarino afro-brasileiro, esse paulistano de 49 anos, se transformou em cidadão do mundo quando, em 1983, o coreógrafo americano Alvin Ailey após tê-lo visto em uma performance solo, o convidou para integrar sua companhia de dança em Nova York.

Dos Estados Unidos para o Velho Continente foi só uma questão de tempo. Após ~~anda~~ experiência, o menino que cresceu dançando pelas ruas da Vila Prudente, hoje se divide entre os principais palcos de Berlim (onde mora), Nova York, São Paulo e Veneza. E foi justamente ali, entre os canais mais românticos do mundo, que este coreógrafo de vanguarda que funde à sua raiz negra a dança moderna, ao ~~butô japonês~~ e ao teatro-dança ~~alemão~~?

Para intensificar sua pesquisa sobre o corpo humano, Ismael Ivo criou para o festival, em 2005, Body Attack – espetáculo que estudava o corpo como documento de seu tempo. Na edição deste ano, em junho passado, foi a vez de UnderSkin – coreografia que ~~procura~~ trazer à tona o que se esconde debaixo da pele para compreender o papel da dança em ~~relação~~ ao corpo e a sociedade.

A “era Ivo” de onde provém a dança inovativa e multiétnica, como descrevem ~~glus~~ jornalistas e críticos europeus, deve terminar no próximo ano. Encerrando a trilogia coreógrafo levará à Veneza o mais absoluto e explosivo de todos os temas: o erotismo ~~em~~ a encenação denominada O Corpo e Eros.

Raça Brasil – Atualmente, que espetáculos seus estão em cartaz na Europa?

Ismael Ivo –

São dois espetáculos paralelos, o primeiro se chama Dubble. Estreou em novembro e m Bielefeld, na Alemanha. Esse projeto envolve atores e bailarinos e é inspirado em dois autores: Antonin Artoud e Heiner Müller.

A visão que ambos haviam do teatro foi o ponto de partida para desenvolver esse trabalho. De Artoud nos baseamos no teatro da crueldade, aonde o foco principal era o corpo, qual o papel do corpo físico dentro do teatro contemporâneo. Já Müller representa o ~~teatr~~de fragmento sintético. Procuramos sintetizar frases, palavras e idéias e dar lugar ao corp o como protagonista, a expressão corporal do ator enquanto palavra. Algo como comer as

palavras e digeri-las em movimento.

O segundo espetáculo se chama Apólo e Jacinto – primeira ópera escrita por Mozart, ad1 anos. Eu coreografo, danço e dirijo. É a primeira vez que dirijo uma ópera, oportunidade q me diversifica linguagem e experiência. Estréia este mês no Museu Pergamon, de Berlim, fechando o ciclo de comemoração do centenário de Mozart.

Você vem de uma família com educação católica, como foi que você descobriu qu seria bailarino?

Família católica sim, mas até onde se define a religião no Brasil. O nosso catolicism é diverso do romano. No domingo a gente vai à missa e no resto da semana, ao terreiro. Eu sempre digo que o terreiro foi o primeiro contato que tive com arte, porque me abriu as asas da imaginação. Eu relaciono com o que faço enquanto dança. Recuperar esse sentitio magia, da fanstasia, da irreabilidade que se torna real por meio da arte. O que uma família negra, de classe média baixa, deseja para o filho? Ser médico, engenheiro... Um a perspectiva de ascensão na escala social. Mas cheguei a um ponto que comecei a questionar raças, preconceitos, oportunidades e isso me deu outra perspectiva. Descobri que queria verbalizar. Não somente conquistar um lugar social. Sentia a necessidade de colocar isso como expressão. E o teatro se apresentou como um grande veículo. Foi dali q descobri o corpo e dei início a minha pesquisa corporal.

Qual foi a reação ao convite de Alvin Ailey para que você integrasse sua companhia de dança e o que mais lhe marcou naquele tempo em que viveu em Nova York?

A Big Apple em si é impressionante. Sentia sempre martelar uma coisa como: Decifra-me ou devoro-te. Mas o que mais marcou foi a disciplina. O americano não te dá tempo par a pensar se uma coisa vai ou não dar certo. Isso me deu possibilidades de investir em mim mesmo. A bendita mão de Deus levou o Alvin ao Brasil. Ele me levou para Nova York e isso fez com que meus projetos amadurecessem. Foi um grande mestre e uma grande escola.

A sua ida a Berlim tem um motivo especial?

Fiz um solo em Nova York e me convidaram para apresentá-lo em Berlim e Viena. Quando fui para a Alemanha, Berlim estava fervendo com a grande revolução da dan?

Você tem um trabalho muito forte ligado a Márcia Haydéee, como foi que vocês se conheceram?

Conheci Márcia em Stuttgart, cidade que me acolheu como filho. Fui coreógrafo em residência num segundo teatro da cidade, que era paralelo aquele que Márcia dirigia, o Stuttgarter Balleu. Mas começamos a trabalhar juntos muitos anos depois. Viajamos o mundo apresentando espetáculos de grande sucesso por cinco anos, eu coreografava duos para nós e ela dançava como uma rainha do ballet que é.

Em 2002 você apresentou o solo Mapplethorpe, uma homenagem a Robert Mapplethorpe. Por quê?

Mapplethorpe foi um grande fotógrafo americano, controverso, é debatido até hoje. Uma das suas especialidades era fotografar, muitas vezes de forma explícita, o corpo do homem negro nu. Quando estava em Nova York, encontrei uma jornalista que tinha conhecido em Berlim, que estava indo entrevistar o Mapplethorpe e fui junto. Chegamos e quase tomei um susto, porque, até então, não tinha a menor idéia de quem era aquele fotogr?

Como você recebeu o convite para ser curador da Bienal de Dança de Veneza?

Sempre admirei a Bienal por ser um espaço cultural progressista, a considero uma das coisas mais fantásticas relacionada às artes e, ser curador de uma das vertentes dessa m?

Em Iluminata, a coreografia que você criou para a abertura da Bienal passada falava, entre outras coisas, de morte, mas não é a primeira vez que você usa esse argumento em uma montagem sua. Em Mapplethorpe era a simbologia para a libertação da alma.

A morte sempre me encheu de curiosidade. Não como libertação da alma, mas como questionamento do corpo, é nisso que se centra o meu trabalho. O corpo e a utopia do corpo. O que é e que tipo de representação simbólica, social, existencial há. O meu trabalho, na realidade, tem inspiração puramente existencial.

O tema da Bienal do próximo ano será o erotismo. Corpo, alma e ciência e ano que vem eros. É o fim de uma trilogia?

Sim. Uma trilogia iniciada em 2005, quando fizemos BodyAttack ou Ataque do Corpo, que significava o corpo como um documento do tempo. Como os coreógrafos respondem a esse tipo de energia social pós World Trade Center. Esse ano eu fui para o corpo biológico Corpo, alma e ciência, o que estamos fazendo com nossos corpos? Estamos chegando ao ponto de transplantar tudo. O que é esse corpo biológico? Toda essa discussão dentro do tema UnderSkin ou Debaixo da Pele. E fechando a trilogia eros. O festival será dionisiaco, o que resta em nós do ser animal? O cheiro, o amor, o ódio, todas essas sensações carnais, por isso a intitulei Corpo e Eros.

O que você pensa sobre a situação da dança no Brasil?

O Brasil sempre foi um celeiro de talentos e continua sendo porque nós vivemos numa hiper-realidade, em um realismo mágico de Jorge Amado. A gente já nasceu nessa realidade absurda, Jorge Luis Borges falava que para entender a realidade da América do Sul depende muito do ângulo que você a vê. O corpo do bailarino brasileiro é aberto a essa fantasia, ele cria, improvisa uma realidade, canibaliza uma idéia e a recria. O Brasil tem esse celeiro imaginativo muito forte.

O Ari Candido dirigiu um documentário - O Rito de Ismael Ivo - sobre você.

Conheci o Ari muitos anos atrás e, por curiosidade de cineasta, ele começou a me filmar. O documentário foi realizado no exato momento entre os dois Ismaeis, o que estava com vontade de sair do país, de conhecer e de evoluir, mas não tinha uma perspectiva concreta o que saiu e que hoje dirige a Bienal de Dança de Veneza. É um registro biográfico.

Um sonho na gaveta?

Gostaria de ser diretor de dança de uma companhia oficial no Brasil, de poder passar toda minha experiência, que vai do afro ao clássico, passando pelo butô, dança contemporânea e dança-teatro. Acho que sou um dos únicos brasileiros que têm esse tipo de história, linguagem e material. Queria deixar todo mundo de boca aberta com o talento e a capacidade de invenção que existe neste país.

Ismael Ivo por ele mesmo

É esse bailarino afrobrasileiro que um dia resolveu acreditar que era possível e até hoje continua se surpreendendo com o resultado disso.

Janaína Cesar Revista RAÇA"

Spirito Santo

Julho 2010

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/ismael-ivo-ticao-em-brasa-rasga-a-escuridao>